

## LENÇO BRANCO

Antônio Augusto Fagundes

Nascido de alma caudilha  
- nem por isso menos franca -  
Deus te deu essa cor branca  
que até de noite rebrilha.  
Lua do herói na coxilha,  
por de eu for, onde eu ande  
e sem que ninguém me mande  
eu te canto, troféu mudo  
que é puro neste Rio Grande!

Do pica-pau ao chimango  
vai um pedaço de glória  
e engarupo na memória  
com um guascaço de mango  
recuerdos de algum chatango  
que no passado ficou.  
Se eu sou assim como sou,  
entonado e orgulhoso,  
devo a ti, lenço glorioso,  
que eu herdei do meu avô.

Das lágrimas de uma china  
quando seu índio partia,  
de uma lua que alumia  
debruçada na campina,  
de uma sanga cristalina  
que murmurava merencórea,  
do clarão de uma vitória  
deste povo leal e franco  
nasceste, meu lenço branco,  
para bandeira de glória!

Teu gosto é andar voejando  
entre guerreiros e lanças  
e acalantar esperanças  
entropilhadas em bando.  
O futuro está chamando,  
já cumpriste o teu ideal  
porque o Rio Grand eimortal  
fez de ti o seu retrato:  
oposto do maragato,  
puro, atrevido e bagual!